

A Web como rede de relações sintagmáticas: uma proposta de concepção e análise das ações humanas em ambientes virtuais

Eduardo Furbino

Índice

Introdução	1
1 A ausência de paradigmas <i>versus</i> a necessidade do método	2
2 O caráter sintagmático da Web	4
Referências bibliográficas	7

Introdução

CADA ponto de luz nos céus é a extensão de algo maior. Visto da Terra, α Centauri brilha no horizonte do hemisfério sul com a intensidade de um único corpo celeste, embora, na verdade, seja três. As estrelas α Centauri A, B e C compõem um sistema ternário de baixa complexidade, se comparado aos demais ao seu redor, em especial às galáxias; mesmo assim, consegue ser três vezes mais complexo que aquele avistado a olhos nus a partir da Terra.

Cabe ao sociólogo captar as nuances dos objetos que se põe a observar, estejam eles distanciados ou não de sua realidade, buscando sempre inferir, a partir de grandezas maiores que aquelas imediatamente compreensíveis, as singularidades da vida em suas diversas manifestações.

Como anteriormente declarou Claude Lévi-Strauss, tal qual o antropólogo, o sociólogo é “o astrônomo das ciências sociais: ele está encarregado de descobrir um sentido para as configurações muito diferentes, por sua ordem de grandeza e seu afastamento, das que estão imediatamente próximas do observador” (2008, p. 422).

No primeiro momento de uma observação, é natural que a complexidade aparente do objeto avistado por um observador seja inversamente proporcional à sua complexidade real. A afirmação não é menos verdadeira se utilizada em relação à maneira como leigos e cientistas buscam compreender ambientes virtuais e as interações entre indivíduos ocorridas neles.

Muito embora sejam notáveis os esforços em se estabelecer padrões de análise para a Web, e ainda mais importantes as discussões a respeito das diferenças entre a vida humana em sociedade e o fenômeno das interações sociais ocorridas em ambientes não físicos, conforme propostas por nomes como Manuel Castells e Pierre Lévy, carece-se de um método através do qual possamos compreender as interações ocorridas na Internet livres de qualquer necessidade de nexos com a cotidianidade.

A precariedade dos métodos existentes impede que seja corretamente compreendida a maneira como elementos diversos em um mesmo ambiente virtual estabelecem relações entre si, bem como impossibilita que essas relações sejam mensuradas e analisadas dissociadas de suas contrapartes no mundo físico. As falhas do método, no entanto, não se devem à incapacidade técnica em elaborá-lo, mas à falta de paradigmas em tornos dos quais sua fundamentação torna-se possível.

Solucionar este problema demanda um esforço sociológico que perpassa diversos campos da Ciência, dentre os quais se incluem o estudo da dominação, conforme trabalhada por Pierre Bourdieu, a análise de redes, de maneira análoga à feita por Harrison White, e o exame hermenêutico dos inúmeros conteúdos disponibilizados na Web.

A resposta aos questionamentos acerca da natureza das interações ocorridas em ambientes virtuais depende da identificação dos padrões e motivos que as rege. Esses distam daqueles identificados na vida cotidiana. O objetivo do presente estudo é, pois, discutir a natureza da interação humana na Internet e oferecer uma pequena contribuição à construção de um método sociológico que sirva de base à análise da Web e todos os fenômenos dela derivados ou nela ocorridos.

1 A ausência de paradigmas versus a necessidade do método

Ao trabalharmos com métodos de análise para ambientes virtuais, o cálculo entre sua necessidade para a Ciência e as inúmeras possibilidades de sua configuração retorna um resultado interessante.

Nenhuma corrente sociológica única é capaz de conferir significado à multiplicidade de ocorrências das relações sociais na Web, assim como nenhuma delas é capaz de chegar à completa compreensão da natureza dessas mesmas relações, quando acontecem no mundo físico.

Na seção anterior, mencionou-se como a ausência de paradigmas impedia que um método para o estudo dos ambientes virtuais fosse corretamente formulado. Os referidos paradigmas são as próprias regras de criação e funcionamento da Web, demasiadamente técnicas, dado que surgiram no interior de uma área do campo científico que costumeiramente não dialoga com as ciências sociais: a ciência da computação. Essas regras dizem respeito à configuração do maquinário tecnológico necessário à existência de computadores, das redes formadas entre eles, dos servidores Web, dos sites, etc. Embora possuam significados computacionais objetivos, nada querem dizer à sociologia em um primeiro momento.

A questão que se põe é: uma vez que os ambientes virtuais são deliberadamente *criados*, como pode sua origem relacionar-se à realidade social? Assumir que há uma relação de equivalência entre ambos é incorrer no risco de soar demasiadamente contratualista, uma vez que as origens das diversas sociedades também teriam de remontar a um momento histórico em que foram pensadas, planejadas e pactuadas. Sendo, pois, diferentes em formação, resta saber se este é um fato que influencia em seu comportamento geral e objetivos de existência, ou se tal incompatibilidade de origem não é relevante a ponto de criar abismos de significados entre ambos, permitindo que o que aconteça em um dos ambientes encontre eco em outro, e

vice-versa, permitindo sua constante modificação, derivada de um intermitente contato entre ambos os campos.

Para Manuel Castells, parte do comportamento em rede poderia ser considerado um padrão social, um desses comportamentos o individualismo. Esse não seria

“um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é antes que os indivíduos montam suas redes, on-line e off-line, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos. Por causa da flexibilidade e do poder de comunicação da internet, a interação social on-line desempenha crescente papel na organização social como um todo”. (CASTELLS, 2003: 109)

O discurso de Castells estabelece uma relação direta de influência entre a vida social típica e a virtual: uma contamina a outra de maneiras distintas. Mas uma rede exclusivamente técnica de computadores, interligados pelo protocolo TCP/IP, por exemplo, não parece corresponder a uma rede social clássica, conforme definida nas obras de Karl Polanyi ou no já referenciado Harrison White. Um dos motivos é a falta do elemento fundamental à manutenção desta na literatura sociológica: os atores sociais, pessoas humanas dispostas a interagir entre si, de maneira a criar vínculos que as levem a um nível maior de integração, culminando na formação de grupos, associações, elos afetivos, etc.

Enquanto máquinas, os computadores não estabelecem tais tipos de relação uns com outros, fazendo com que qualquer correlação entre as duas realidades exija alto grau de

abstração, a fim de relacionar comparativamente sistemas que possuem regras e elementos de funcionamento demasiadamente distintos: o mundo, tal qual existe, e a Internet, tal qual foi tecnologicamente criada.

A falta de paradigmas reside na impossibilidade de trazer, para o campo social cotidiano, as conformações técnicas que dão vida aos ambientes virtuais. O maquinário tecnológico não pode ser comparado ao “maquinário social”, isto é, a pessoas humanas, muito em função do fato de que, enquanto o primeiro funciona de maneira pré-estabelecida, no segundo não parece haver mais do que manifestações ocasionais de condutas que podem ser probabilisticamente analisadas. Assim, torna-se – com o perdão do termo – virtualmente impossível valer-se de um para a compreensão de outro, fazendo-se necessária a busca por possíveis similitudes entre ambos, que podem ocorrer na forma de vínculos – *vínculos de dependência*.

As considerações a respeito do maquinário tecnológico e social evidenciam apenas parte dessa ausência de paradigmas. Para além dos componentes de ambas as redes tratadas acima, podemos pensar nos operadores que deles fazem uso. Comparativamente, teríamos, no caso dos ambientes virtuais, indivíduos que se valem de uma rede tecnológica para estabelecerem relações entre si, que podem ou não encontrar eco no mundo exterior a essas redes; na sociedade, no entanto, temos indivíduos que são simultaneamente máquinas e operadores.

A primeira realidade abordada é construída a partir de outro construto, os recursos tecnológicos, e depende deles e de seus

atores para continuar existindo; já a segunda possui dependência única dos atores.

Compreender a natureza das relações ocorridas em ambientes virtuais demanda uma bem feita separação entre as duas realidades, de tal modo que uma importante pergunta seja respondida: uma vez que um dos ambientes depende apenas de seus atores, e outros desses e de construtos tecnológicos, estariam relacionados através de uma convergência de necessidades? Ou, em outras palavras: haveria um *link* entre ambas as realidades, que se solidificaria em torno da figura do ator, e seria esse link capaz de ditar formas de interação e estruturação para cada um dos ambientes, relacionando-os uns aos outros e fazendo com que determinados aspectos de um estejam presentes ou influenciem o outro?

A pergunta acima norteia o presente trabalho, e será trabalhada na próxima seção, que apresenta uma proposta de abordagem flexível e escalável, capaz de dar significação aos fatos estudados de maneira simples, ao aproximá-los em função das diferenças entre seus elementos de semelhança, e não apenas das similitudes que compartilham.

2 O caráter sintagmático da Web

Alex Primo, em *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*, apresenta sua própria proposta de análises das interações sociais em ambientes virtuais. Para o autor, os indivíduos que interagem nesse meio (denominados *interagentes* em sua obra) relacionam-se forte ou fracamente com os demais, ou com elementos hipermediáticos, não apenas segundo os graus de afinidade que possuem de antemão, mas também segundo as

condições técnicas disponíveis no instante dessa relação.

A unificação desses dois aspectos da interação é necessária para sua completa compreensão. Para essa finalidade, propõe-se o emprego de uma analogia gramatical que muito pode acrescentar aos métodos de análise.

Em Linguística, a noção de dependência entre dois termos, identificada pelos *sintagmas*, pode ser transposta para os ambientes virtuais com o objetivo de se identificar sistemas de relações que possuam uma espécie de “caráter sintagmático”, estabelecidos nesses e por esses ambientes, atuando duplamente tanto como possibilitadores de interação quanto como a interação em si¹.

Do ponto de vista da Linguística, sintagmas são segmentos que estabelecem entre si uma relação de dependência, dentro da qual se diz haver um elemento *determinado* e outro *determinante*, ambos significantes, que ao serem reunidos conferem um significado específico a determinada sentença. Sintagmas podem ser formados por uma ou mais palavras, que corroboram entre si para fornecerem significação à sentença na qual estão inseridas.

Ao ser empregada no estudo de um am-

¹Neste caso, quando se propõe um esquema de relações sintagmáticas como possibilitador de vida social na Web, e como essa própria vida social, é impossível deixar de relacionar a ideia à abordagem de ambientes reais e virtuais fornecida na seção anterior. Isto é: da mesma maneira que as interações em ambientes reais são possibilitadas por um elemento básico (a presença de atores dispostos a se relacionar), em ambientes virtuais, nos quais essas relações dependem de uma série de construtos tecnológicos (e das limitações originadas deles) para ocorrerem, elas igualmente demandam a presença de um ator receptivo ao contato externo.

biente Web, a ideia de sintagmas ganha contornos outros que não se relacionam completamente aos linguísticos, tomando emprestado deles nada mais que a noção de que esquemas de relações virtuais, a exemplo de uma oração, possuem elementos determinantes e determinados. Esses passam a ser não palavras ou termos, mas aquilo a que anteriormente demos o nome de *atores*, e que poderiam muito bem ser chamados de *nós*, elementos fundamentais à existência dos ambientes Web, responsáveis por desencadear diversas ações que os mantém ativos, como a troca de mensagens em redes sociais e a adição de conteúdo a blogs e wikis.

Dessa maneira, podemos compreender a Web valendo-nos das ferramentas utilizadas por linguistas para o desvendamento de sistemas de falas e idiomas, suas origens, implicações práticas, processo evolucionário e correlação com as demais línguas. Isso porque, para os fins de análise propostos no presente trabalho, cada um dos dispositivos que compõem a Internet são compreendidos como partes constituintes de uma linguagem única, um campo universal, em eterna construção e repleto de utilidades diversas, que é capaz de estabelecer conexões entre sentidos, e entre sentidos e indivíduos, uma vez que é dominado e utilizado para esses fins, da mesma maneira que o é um idioma.

Essa aceção é baseada nas palavras do linguista russo Mikhail Bakhtin, que declarou:

“(...) toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do

locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 1999: 113).

O caráter semântico da Web é tributário de suas próprias regras de estruturação e funcionamento. Uma das evidências mais óbvias que fundamentam essa afirmativa são as redes de influência que páginas distintas estabelecem entre si, semelhantemente àquelas evidenciadas anteriormente na abordagem dos sintagmas. Essas redes unem páginas distintas em função de sua afinidade, e são criadas (posteriormente, fomentadas) pelos usuários, que constantemente identificam possíveis ligações entre conteúdos distintos, formalizando-as através do processo de *hyperlinking*.

2.1 Hiperlinks e critérios de distinção

Um *hyperlink* que leve determinado usuário de um sítio a outro é uma das formas que assumem os vínculos de dependência que unificam localidades virtuais distintas, mencionados na seção II. Esses vínculos estabelecessem-se em função da necessidade de existência de *hyperlinks* para que haja pavimentação dos caminhos que levam de um ponto A a B na Web, permitindo que usuários inicialmente retidos em uma página possam chegar a outras, nelas listadas para qualquer fim.

Os *hyperlinks* conectam fragmentos de significados presentes em localidades distintas, estabelecendo redes de significação que permitem o trânsito dos usuários por diferentes páginas, ampliando seu contato com faces distintas da Internet (os endereços) e estimulando a ampliação dessas redes. Os

vínculos podem ser tidos como “de dependência” pelo fato de todas essas páginas dependerem, em primeiro instante, de *links* para serem acessada – caso contrário, permanecerão anônimas. Mesmo em ferramentas de busca, como é o caso do Google Search ou Microsoft Bing, os links continuam sendo os possibilitadores da interação.

Da observação acima deriva o conceito de vínculos de dependência: quanto mais referenciada por outras é uma determinada localidade, mais prestígio ela possui na rede, recebendo maior número de acessos. De maneira análoga, as referências feitas por ela a outras páginas serão influenciadas em parte pelo prestígio que possui, estabelecendo, fazendo com que sejam estabelecidos níveis hierárquicos distintos entre endereços Web que estejam relacionados pelo *hyperlinking*.

O processo se assemelha ao discurso puro e simples, uma vez que abre espaço para uma pluralidade de significados reforçada pela presença de múltiplas faces de uma mesma opinião (emitidas a respeito de um único assunto, mas tratadas em mais de uma página e conectadas entre si através de hiperligações). Esse discurso, no entanto, não pertence

“a um sujeito autônomo, porque no enunciado fala a voz do outro em pelo menos dois sentidos, no sentido da voz de todos os interlocutores do passado, cuja influência o discurso reflete, e no sentido da voz do interlocutor presente, cuja influência se manifesta em argumentos, pontos de vista e réplicas antecipadas” (SANTAELLA e NÖTH, 2004).

A importância do *hyperlinking* como um

processo propiciador de distinção em ambientes virtuais torna-se ainda mais evidente quando se analisa a maneira com que ferramentas de busca retornam aos usuários os resultados das pesquisas feitas por eles. Embora não seja divulgado abertamente, o algoritmo utilizado pela empresa Google leva em alta consideração a quantidade de links que páginas distintas estabelecem entre si. Quanto mais referenciado determinado site, maior sua pontuação no sistema Page-Rank, criado pela empresa; logo, maior sua relevância em qualquer tipo de pesquisa.

2.2 Relações sintagmáticas expressas e critérios de formação de vínculos de dependência

A relação sintagmática encontra-se expressa na maneira como essas páginas se relacionam: um site é tanto *determinante* do número de acessos, importância e – consequentemente – relevância dos demais, quanto *determinado* em função de todos esses fatores. Nas palavras de Bourdieu, as páginas, pois se convertem em

“signos distintivos – que podem ser [tidos como] signos de distinção (...) desde o momento em que são percebidos relacionalmente –, de modo que a representação que os indivíduos e grupos manifestam mediante suas práticas e propriedades forma parte integrante de sua realidade social.” (BOURDIEU, 1998: 494. Tradução livre)

Tais práticas não são outras que não a criativa, ou despretensiosa, atividade humana na Web, e o conseqüente uso dos recursos nela disponíveis, dentre os quais se destacam os caminhos pavimentados por links, que evidenciam os traçados interacionais desse ambiente virtual e põe à mostra os vínculos de dependência que mediam as relações estabelecidas entre páginas distintas.

Há de se questionar quais critérios levam os usuários a optar por ligar página X a Y, mas não a Z ou W. Como nos lembram James March e Herbert Simons, em seu *Limites cognitivos da racionalidade*, a capacidade humana de cooptação de informações é limitada, mas a única maneira de chegar-se a uma tomada de decisão é levantando dados que conduzam até ela.

No caso do processo de *hyperlinking*, essa decisão diz respeito exatamente à opção por linkar ou não uma página a outra. Afirmam os autores que

“cada indivíduo só pode atender a um número limitado de assuntos a um só tempo. A razão básica por que a definição que o agente dá à situação difere tanto da situação objetiva é que esta última se apresenta excessivamente complexa para poder ser tratada nos menores detalhes. O comportamento racional compreende a substituição da realidade complexa por um modelo de realidade suficientemente simples para poder ser tratado mediante processos de solução de problemas.” (MARCH e SIMONS, 1975: 211)

Neste ponto, poderíamos voltar à extensa discussão promovida na literatura de

Pierre Bourdieu em relação à luta de classes, tomando emprestado para a análise da Web as considerações do autor a respeito dos critérios de classificação utilizados por indivíduos imersos em determinado campo social: “os esquemas classificadores que se encontram na base da relação prática que os agentes mantêm com sua condição, e da representação que podem ter delas, são, por sua vez, produto desta condição” (BOURDIEU, 1998: 494. Tradução livre).

Destarte, o próprio ambiente virtual se apropria de suas regras de funcionamento para estruturar-se, assumindo um caráter sintagmático que inicialmente deriva de ações humanas impregnadas de valores, pressupostos e racionalidade, e utilizadas no estabelecimento de critérios objetivos que justifiquem a unificação de elementos distintos neste ambiente.

Esse ambiente, portanto, transforma-se em um campo onde imperam as relações de dependência, originadas da necessidade estrutural de um esquema de relações que oponham elementos determinantes e determinados, a fim de extrair dessa oposição o substrato que permite a formação das complexas redes interacionais a que chamamos Internet.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 4.^a ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Trad.de Michel Larud e Yara Frateschi Vieira.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinción: Criterios y bases sociales del gusto*. Buenos Aires: Taurus, 1998. Trad. Maria del Carmem Ruiz de Elvira.

CASTELLS, Manuel. *Galáxia da Internet*.
São Paulo: Zahar, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia
Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify,
2008.

MARCH, James G., SIMON, Herbert A.
Limites cognitivos da racionalidade.
In: Teoria das organizações. Rio de
Janeiro: FGV, 1975

PRIMO, Alex. *O aspecto relacional das in-
terações na Web 2.0*. In: Intercom 2006
– XXIX Congresso Brasileiro de Ciên-
cias da Comunicação – 2006, Brasília.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried.
Comunicação e Semiótica. São Paulo:
Hacker, 2004.